

A ARTE E A MEDICINA

A *Acta Médica Portuguesa* promoveu uma exposição de pintura no âmbito das suas recentes Jornadas Científicas a qual despertou interesse tanto no meio médico como nos artístico e geral. Mais uma vez e por esta forma se afirmou como órgão destinado a impulsionar a nossa cultura profissional não apenas médica mas também humanística que lhe está directamente relacionada.

Neste sentido e como atitude, a *Acta Médica Portuguesa* entende que Ciência e *praxis* médicas estão indissolivelmente ligadas ao homem, ao seu viver total, na amplitude máxima do que lhe acontece e em sua implícita diversidade.

A arte como fenómeno, consequente da própria vida e do existir, sempre interessou, obrigatoriamente, os médicos. Estes entendem-na porque a sentem e se sentem nela identificados, através da matéria comum que elaboram na raiz do sofrimento. A sua relação é portanto natural e não exige explicação artificiosa e cometimento literário.

A própria medicina, embora se torne cada vez mais científica e tecnologicamente mais rigorosa, executa-se sempre, e cada vez mais, por forma a superar a realidade do viver humano.

A relação da medicina e da arte inclui-se pois num, tradicionalmente reconhecido, todo de cultura necessária que se transmite através das várias gerações de médicos mercê da qualidade que a mesma imprime à sua actividade.

A exposição foi, assim, mais uma manifestação do recordar clássico, da importância e significado, da presença dos artistas junto dos médicos, mas agora expressa por forma pública e colectiva. A sua própria sugestão temática acerca do corpo humano, como *máquina corporal*, implicou o compromisso sempre latente entre o imediato observável como aparência, a pesquisa científica, a artística e a busca incessante no caminho de perscrutar a verdadeira essência humana.

Os cinco artistas solicitados a este convívio correspondiam, pelas suas realizações e pela aceitação colectiva da respectiva obra, a linha de concretização de tendências de pensamento, de atitude e de sentido estético da fase evolutiva da nossa pintura dos últimos trinta anos e situam-se, portanto, entre os mestres anteriores e o anunciar impreciso do futuro da pintura em si mesma.

Manuel Cargaleiro, Cruzeiro Seixas, Nikias Skapinakis, Júlio Pomar, Vespeira são personalidades consagradas que avultam no panorama rico e variado das nossas artes visuais. O facto resulta por motivo de os seus propósitos, pesquisas e revelações se terem engrenado no nosso interregar comum durante período particularmente fermentativo da vida interior nacional.

Percorreram, nessa actividade, vias diversas, que vão desde o abstraccionismo lírico ao neorealismo e ao surrealismo com suas *nuances* e variedades, ou navegaram entre elas mercê da universalidade e unidade da arte, em si mesma, e do condicionalismo individual da forma ou modo de a exprimir.

A sua obra, em conjunto, constitui uma das mais autênticas realidades culturais portuguesas. O impacto que ela tem produzido, e no próprio meio em que os artistas estão inseridos, forneceu estímulo vigoroso e factor dinâmico que muito tem facilitado a nossa própria evolução.

Ocupam, assim, na circunstância e na prática, uma posição de *classicismo actual* inevitável e exigida pelos seus admiradores, pelos aliciados e por todos aqueles que, por forma directa ou indirecta, recebem a sua influência.

O importante conjunto artístico, reunido, revelou aos visitantes, por maneira particularmente festiva e de algum modo esplendorosa, a riqueza do teor de cada obra e a variedade de expressão plástica das ideias e sentimentos dos respectivos autores. Na sua contemplação ou análise, em atitude reflexiva ou simplesmente emotiva, cada observador teve certamente oportunidade para encontro esclarecedor, de advertência, de interrogação ou de felicidade pessoal. O seu comentário íntimo, imediato ou tardio, determinou a resposta adequada à validade e ao interesse desta iniciativa.

A presença de pintores nas Jornadas Médicas em causa merece ainda o seguinte comentário conclusivo.

A reunião de obras de Arte, com o seu desdobramento de acessibilidade destas aos que estiveram presentes, juntamente com a actividade científica dos médicos, não sucedeu por mero e ocasional *preciosismo* na ocorrência. Nem sequer correspondeu a seu enquadramento ou moldura, de cariz social, dentro do convencionalismo da vida presente.

O facto em causa derivou da necessidade de alargamento e melhoria da cultura global dos médicos, no sentido mais amplamente humano do seu conteúdo.

Constituiu mais um acto do seu aperfeiçoamento dentro de permanente atitude que é uma constante da profissão médica. Tratou-se na realidade e principalmente, neste caso, do aperfeiçoamento da sua alma, isto é, da melhoria da alma do médico.

A consequência desta proposta e efectivação será, sem dúvida, a da influência do espírito da medicina militante na sociedade em que esta actua.

Por esta via se deve considerar a cultura médica, em si mesma, como um elemento peculiar, activo e decisivo na evolução da nossa cultura global, seja no sentido estritamente profissional actuante, que conduz à melhoria progressiva da saúde pública e da vida, seja ainda pela forma especificamente humana como ela actua — a favor do homem.

Juvenal Esteves

Serviço de Dermatologia
Hospital de Santa Maria, Lisboa